

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME I

XLIII

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

LITERATURA GOIANA E TRABALHO LIVRE (*).

(Resumo).

MODESTO GOMES

do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás.

Ainda são correntes, nos tempos atuais, as idéias que buscam valorizar, em ficção, os aspectos puramente formais da obra literária. E a verdade é que o conceito de arte pela arte, vindo dos momentos em que predominou a tendência barroca, tem sido uma constante na literatura ocidental.

Há que se concordar, todavia — particularmente nos países subdesenvolvidos que a obra literária, sem ser necessariamente compromissada, precisa refletir os ângulos mais visíveis da realidade. E a literatura brasileira, nesse particular, tem sido fértil em exemplos positivos. O romantismo mesmo, em sua tendência sertanista, já apanhava a realidade, embora apresentasse distorções perfeitamente justificáveis.

Foi evidentemente o *regionalismo*, em zonas de forte influência rural que ofereceu uma imagem mais objetiva da realidade. E o regionalismo goiano, a partir de Hugo de Carvalho Ramos — um autêntico renovador — sempre mudando de técnicas e de métodos, apanhou bem não apenas as relações de trabalho numa sociedade nitidamente semi-feudal, mas teve a objetividade de mostrar o homem do campo em tôda a sua dramática luta por uma sobrevivência precaríssima.

Em *Elos da Mesma Corrente*, romance premiado pela Academia Brasileira de Letras, Rosarita Fleuri oferece uma visão clara da situação do escravo em terras goianas. Capta, com felicidade, a fase que se segue à Lei Áurea, inclusive apontando os aspectos negativos que resultaram do inconformismo de certos senhores de escravos.

(*) . — Comunicação apresentada na 6ª sessão de estudos, Equipe C, no dia 9 de setembro (*Nota da Redação*) .

Mas o estudo do período caracterizado por relações de trabalho indiscutivelmente semi-feudais se inicia com a publicação de *Trapas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos. O homem da gleba visto por Hugo é o pária inteiramente à mercê do potentado rural. Sujeito aos mais degradantes castigos físicos e às vezes até executado sumariamente. Também Bernardo Élis, em alguns de seus livros, se inteirou da situação e a reflete com realismo.

O trabalhador livre, já em pleno século XX, de livre ostentava apenas o nome, pois que em verdade se escravizava totalmente ao latifúndio, que tinha nas mãos a soma de todos os poderes.

Os escritores goianos, quase sempre vinculados às origens telúricas conseguem, como se houvessem assinado um acôrdo prévio, levantar uma extensa galeria de tipos, resultante todos êles do *metier* que caracterizava a sociedade goiana.

O vaqueiro, por exemplo — produto de suma importância no processo de expansão da pecuária em terras goianas — está presente, de corpo inteiro, com suas virtudes e com seus defeitos, em Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Eli Brasiliense, Bariani Ortêncio, Leo Godoy Otero, Ada Curado e outros. E não se trata, efetivamente, do vaqueiro tradicional: o submisso, o conformado. Também aquele que já toma conhecido de que é explorado e que, por conseguinte, esboça os primeiros gestos de revolta ou então parte para a montagem de sua propriedade às custas do rebanho do patrão.

E não se pode esquecer a figura curiosa do peão de boiadeiro, o turbulento homem que ajuda na condução das boiadas pelos gerais. Trabalhador, sóbrio, mas doído por mulheres e sempre se encharcando de cachaça nos povoados.

O tropeiro, visto em tôdas as suas dimensões, não foge à regra: a literatura goiana o explora e o faz com muita objetividade. Não resta a menor dúvida que o tropeiro dominou a paisagem goiana antes que ela se visse invadida pelos automóveis.

Do carreiro dir-se-á que ofereceu contribuição inestimável à economia de um Estado tão pobre e tão distante dos centros civilizados como Goiás. Nossos ficcionistas o exploraram com muita propriedade, levantando mesmo o proprietário de carro de bois e o simples assalariado, manobrando instrumentos do patrão coadjuvado pelo candeeiro, encarregado de guiar os bois.

O meeiro, o agregado, o amansador de potros, o trabalhador de cito (maneja o machado, a foice ou a enxada) são vistos objetivamente pela ficção que se faz em Goiás. Inclusive os trabalhadores que dirigem máquinas agrícolas já funcionam como personagens.

Também a empregada doméstica, quase sempre uma vítima fácil da prostituição, mereceu a atenção dos vários autores.

Há, finalmente, um aspecto importante que precisa ser salientado. Refiro-me às distorções que sempre ocorrem, distorções que levam o trabalhador livre para posições perigosas. O jaguncismo é a pior de tais distorções. O capanga está sempre disposto a matar, seja por amor ao ganho, seja por fidelidade ao patrão, seja por desvio patológico. Os mais fracos ficam nas rixas, nas arruaças quando não se perdem totalmente no alcoolismo.

Em conclusão, dir-se-á que a literatura goiana, sobretudo em sua fase regionalista, consegue dar uma visão muito ampla do trabalhador livre. Constitui-se, à falta de bibliografia específica, em excelente fonte de pesquisa para a História.

* *
*

INTERVENÇÃO.

Do Prof. *Antônio Carlos Bernardo* (FFCL-Assis. São Paulo).

Indaga do Autor se não seria o processo de transformação que ocorre na zona rural, o fator que proporcionaria a intensificação da prostituição, à medida que intensifica o êxodo rural?

* *
*

RESPOSTA DO PROFESSOR MODESTO GOMES.

Ao Prof. *Antônio Carlos Bernardo*.

Diz que as transformações que estão ocorrendo — aliás muito rápidas — são responsáveis em parte pelo índice de prostituição. Mas a baixa condição cultural também tem o seu quinhão.